



O ESTILO-JARDELINA

Cristiane Mesquita¹

Resumo:

Breve apresentação do *estilo-Jardelina*, ponto de vista conceitual abordado a partir do documentário *Jardelina da Silva: eu mesma* em diálogo com a perspectiva que o filósofo Gilles Deleuze apresenta para o termo estilo.

Palavras-chave: Estilo. Jardelina da Silva. Esquizo. Roupa. Território

Abstract:

Short presentation about *style-Jardelina*, conceptual point of view boarded by the documentary *Jardelina da Silva: me myself* in dialog with the perspective that the philosopher Gilles Deleuze presents for the word style.

Key-words: Style. Jardelina da Silva. Schizo. Clothes. Territory.

¹ Cristiane Mesquita atua em moda como pesquisadora, professora e consultora de projetos criativos e acadêmicos. Seus principais temas de pesquisa incluem interações entre moda, corpo, subjetividade, imagem e arte contemporânea. É doutora em Psicologia pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade (PUC/SP, 1008). É autora de *Moda Contemporânea: quatro ou cinco conexões possíveis* (1004, Ed. Anhembi Morumbi) e diretora dos documentários *Jardelina da Silva: eu mesma* (DVD, 54'. Diphusa, 1006) e *Mas isto é moda?* (DVD, 55'. PaleoTV, 1005). Coordena a pós-graduação em *Criação de imagem e styling de moda* no Senac São Paulo, é docente na Universidade Anhembi Morumbi e coordenadora do *ziguezague: desfiles incríveis, conversas transversais, oficinas transitivas* (<http://ziguezagueblog.blogspot.com/>), evento realizado pelo Museu de Arte Moderna/SP





Este artigo apresenta uma breve abordagem do estilo-Jardelina, ponto de vista conceitual de um dos capítulos de *Políticas do vestir: recortes em viés*², tese que examina linhas de força que atravessam os fluxos vestimentares em diferentes perspectivas, abordagens e planos conceituais. O trajeto é iniciado pelo documentário *Jardelina da Silva, eu mesma*, filme que costura os enredos reais e imaginários da costureira sergipana de 73 anos, habitante da cidade de Bela Vista do Paraíso, no estado do Paraná. Jardelina conduz a narrativa de seu cotidiano e de sua história que inclui várias internações em hospitais psiquiátricos. Nos últimos 15 anos, não havia sido internada e não fazia uso regular de nenhuma medicação e havia começado a costurar suas próprias roupas e a realizar frequentes performances pelas ruas da cidade. Suas aparições invariavelmente terminavam no *Foto Pan*, local onde registrava metódicamente suas composições, as quais chamava de "despachos". No pequeno estúdio nos fundos da loja de fotografia, ela compunha o cenário com objetos cuidadosamente escolhidos. Depois posicionava seu corpo, nu ou vestido por uma cuidadosa combinação entre roupas, sapatos e acessórios e rosto detalhadamente maquiado, para que o "despacho" fosse fotografado.

Tomando o zigzague³ como método de pesquisa e estratégia dissertativa, a tese apresenta Jardelina da Silva a partir de verbos⁴ utilizados em seus procedimentos performáticos: *vibrar, exprimir, cortar-costurar-fazer fugir, vestir-devir, despachar e*

² DVD, 55min. Diphusa, SP, 1006. Direção: Cristiane Mesquita e Lucas Bambozzi. É estruturado em sete blocos: *Planeta; Letra; Eu mesma; Salão eu; Trabalho;*

³ O olhar do filósofo Gilles Deleuze sobre a última letra do alfabeto explora o desenho do z na série de entrevistas realizadas por Claire Parinet, intitulada *O Abecedário de Gilles Deleuze*. A perspectiva z estimula itinerâncias e trânsitos entre variáveis e planos. O zigzague é, antes de mais nada, efeito de um movimento que promove uma "diferença de potencial". A imagem é o vôo da mosca, belo e produtivo, exatamente por permitir ao díptero, escapes surpreendentes das mãos humanas e das línguas predatórias. BOUTANG, Pierre-André (Dir.). Éditions Montparnasse, Paris. 1994-1995. Disponível em:<www.oestrangeiro.net/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=67>. Acesso em: 30 ago. 2007.

⁴ Os verbos no infinitivo nos garantem a possibilidade de sua própria dispersão. São disparos, acontecimentos, fluxos delineadores de procedimentos.





registrar-criar território são condutores de uma investigação sobre o *estilo-Jardelina*. A radicalidade com a qual Silva exercita a composição de sua aparência e de sua casa delinea um ponto de vista, uma geografia de distâncias para a investigação de recortes para o conceito de estilo, este vetor fortalecido no funcionamento da máquina moda - principal cenário de ação dos fluxos vestimentares.

O estilo-Jardelina é abordado numa perspectiva esquizo, assim como o filósofo Gilles Deleuze e o psicanalista Felix Guattari encaram o termo. A partir de uma complexa tecitura conceitual, os autores aproximam a paisagem esquizo de zonas intensivas, de modo a apresentá-la como um modo singular de atravessamento de fluxos, no qual instâncias universais, assim como natureza e história, frequentemente pedem passagem. O esquizo não é tomado como um depositário de sintomas, mas como uma configuração, um campo de forças que, entre outros aspectos, é marcado por uma forma singular de enunciação de espacialidades e temporalidades, por um modo específico de funcionamento da subjetividade. Deleuze e Guattari propõem uma distinção fundamental entre o esquizo tomado enquanto "entidade clínica" - aquela dita esquizofrênica, marginalizada, congelada em seus processos de fluxo e condenada à clausura psiquiátrica - e o esquizo encarado como "processo" - passagem para fluxos que se aproximam de um potencial revolucionário, considerando-se as determinações sociais e políticas do termo. O ponto de vista de um estilo esquizo se compõe com outros conceitos que atravessam a tese, tais como *como*, *corpo vibrátil*, *linha de fuga*, *devir*, *acontecimento* e *território*, vetores que se entrelaçam no panorama sensível do *estilo-Jardelina*. Estes últimos, entretanto, não serão abordados no recorte que segue, fragmento que enfoca o estilo-Jardelina em diálogo com a perspectiva que Deleuze confere para o termo.





"Não sou eu quem falo. É o mundo que fala em mim"⁵

"Nós nasceu pelado e Jesus pega pela roupa. Mas ele não está pedindo modelo na roupa": para Jardelina da Silva vestir-se é delinear territórios de existência, traçar instáveis moradas e universos transitórios que consideram a própria desterritorialização como um movimento, uma variação rítmica do plano das intensidades, um conjunto de linhas que novamente irão traçar outros territórios subjetivos, assim que uma operação-ritorno entrar em ação. Sobre as qualidades e matérias expressivas do corpo vibrátil⁶, Deleuze e Guattari nos lembram: "exprimir não é pertencer; há uma autonomia na expressão"⁷, afirmação produtiva para ressaltar uma diferença qualitativa entre "expressar" - procedimento que privilegia uma representação linear daquilo que é sentido como interioridade e que encontra no mundo um código revelador desse estado de sensibilidade - e "exprimir" - verbo que se coloca num jogo de relações paradoxais entre corpo e mundo e, necessariamente, inventa uma forma inédita de materialização de forças e afetos. Jardelina afirma: "eu não me finjo, o jeito que eu sou tem de ser." É nessa perspectiva que sua assinatura e seus territórios vão tornar-se estilo.

Desinventar⁸ o estilo é o único caminho para abordá-lo, quando o termo se aproxima de Jardelina. Em sua companhia, nosso percurso começa sem categorizações. Um zigzague de vizinhanças sonoras nos encaminha a referências etimológicas nada convencionais, que agitam as qualidades do termo, no sentido de pensá-lo inclassificável, imponderável,

⁵Citações entre aspas e sem referências bibliográficas são depoimentos de Jardelina presentes no documentário *Jardelina da Silva, eu mesma e/ou* nos relatórios entregues ao *Projeto Rumos do Instituto Itau Cultural* (1001).

⁶ É um corpo que exercita o intensivo e "alcança o invisível". Conceito proposto por Suely Rolnik, relativo ao plano que se abre para campos intensivos de fluxos e forças e diz respeito a uma suscetibilidade ao inumano, aos universos incorporais, aos campos irreduzíveis ao visível. ROLNIK, Suely. *Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1989, p. 16.

⁷ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. vol 4*. Trad. Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 1997 p. 114.

⁸ Manoel de Barros indica um caminho poético para enfrentar cristalizações de objetos e palavras. BARROS, Manoel de. *O livro das ignorâncias*. Rio de Janeiro: Record, 1998, p.11.





desordenado, gaguejante, em devir. Santiago Sobrinho nos inspira a partir do substantivo "estilingue" - brinquedo de moleque atirar pedra longe - e lança estilo ao vagabundear:

[...] A propósito de darmos ou não conta de nomear as coisas, abarcá-las com palavras [...] não chegaremos a lugar, mas a lugares, planos extensos, cadeias de montanhas, bulbos, causos sem fim. A palavra estilo vai sendo descanonizada, maltrapilhada, vira releas, e reaparece com força universal a cada tempo, para ser de novo destranbelhada, é a dialética das palavras, suas reações, são os homens criterizando, cauterizando⁹.

Para a compreensão do estilo-Jardelina, é necessário retirar o termo de sua movediça condição de abarcar tudo aquilo que se refere à expressão de modos de vida, dispor o substantivo à deriva, conjugar livremente verbos aproximativos e libertá-lo de cristalizações conceituais. Nessa linha, Martinez dialoga conosco, quando nos revela que o latim *stilus* compartilha a raiz indoeuropéia *steig* com *stimulare* - "estimular" - e *instigare* - "instigar" e que abarca o sentido de "picar e ferocar"¹⁰. Assim seguimos, pensando a potência de fragmentação e despedaçamento do verbo "estilhar"¹¹. Contração de "estilhaçar", transforma tudo aquilo que toma para si em minúsculas partículas, algumas quase invisíveis, sucumbe à resistência de qualquer tentativa de retorno à forma original e nos faz pensar estilo em suas qualidades de fragmentação e não de unidade: os estilhaços são, necessariamente, avessos à retomada da completude. "Estilar"¹², por sua vez, é sinônimo de derramar e verter, ambos os verbos disponíveis aos transbordamentos e em nada favoráveis à adequações e fórmulas.

Além disso, também pode significar "consumir-se" - estranha inflexão, se aplicada a um substantivo tão comumente associado à expressão de si, a partir da delimitação de modos de vida e hábitos de consumo. No entanto, "consumir-se" - tomado como esquecer-se, apagar-se, extinguir-se, anular-se - é conjugação fértil para ativar o estilo-Jardelina, que afirma assinatura e grita nome próprio, na mesma medida em que se dispõe aos devires e habita as linhas de fuga: transborda, estilhaça, instiga, atira longe qualquer possibilidade

⁹ SANTIAGO Sobrinho, João Batista. *Questão d'estilo*, in Queiroz, Sônia (Org) *Revista Viva Voz. Estilo*. FALE/UFMG, Belo Horizonte, 2001, p.32, Disponível em: <<http://www.letas.ufmg.br/site/publicacoes/download/estilos.pdf>>. Acesso em: 17 out. 2007

10 MARTINEZ, in Queiroz, Sônia (Org) *Revista Viva Voz. Estilo*. FALE/UFMG, Belo Horizonte, 2001, p.12, Disponível em: <<http://www.letas.ufmg.br/site/publicacoes/download/estilos.pdf>> Acesso em: 17 out.

2007.
11 *Novo Dicionário Básico da Língua Portuguesa Aurélio*. Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1995, p.276.
12 Ibid.





classificável de sua aparência e trata de encarar seu estilo "como um fluxo e não como um código"¹³.

"Estilo é, primeiramente, um modo de dizer 'eu'¹⁴, nos lembra Deleuze, afirmando o sentido político do termo e aproximando-o novamente da concepção de resistência como força de criação: outro estilo, outra política, outras forças criadoras. Nesse sentido, pensamos com Jardelina que estilo seja um modo de ver e sentir num tempo e espaços multiplicados que condensam presente, futuro e passado e fazem do campo de forças que é o corpo, uma espacialidade de muitos lugares. O estilo-Jardelina é o estilo de um mundo inteiro: "Nosso Senhor jogou o mundo em minhas mãos pra eu jurar. Ó Pai, transforma o mundo em meus olhos." Seu mundo feito roupas, é expresso por uma codificação singular que recusa o estilo *clássico*, o estilo *sexy*, o estilo *casual-chic*, o estilo *minimalista*, o estilo *alternativo*, sem, no entanto, se dar ao trabalho de ir contra nenhum deles. O resultado não tem outro nome possível, a não ser estilo-Jardelina, puro vacilo de categorias, baralhamento de cartas imponderáveis, signos vazios, sem nenhum valor de mercado, paródia inclassificável dos códigos da língua moda.

Ao tratar da literatura, Deleuze enfatiza os paradoxos do termo e nos convida à compreensão de estilo como "propriedade daqueles dos quais habitualmente se diz 'eles não têm estilo...'¹⁵, pois inventam uma língua menor, gaguejam na própria língua, não só criam, mas habitam linhas de fuga. Ele evoca a imagem de escritores capazes de criar uma espécie de língua estrangeira, de instaurar aquilo que ainda não está dito, sequer inventado, a partir de um universo de significações que possam ultrapassar codificações pré-determinadas: "não é uma estrutura significante, nem uma organização refletida, nem uma inspiração espontânea, nem uma orquestração, nem uma musiquinha. É um

13 Referência à Deleuze, quando descreve seu próprio modo de escrever livros de Filosofia. DELEUZE, Gilles. *Conversações: 1972-1990*. Trad. Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Editora 34, 1991, p. 15.

14 DELEUZE, Gilles. *A ilha deserta: textos e entrevistas (1953-1974)*. Org: Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora Iluminuras, 2006, p. 359.

15 DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Editora Escuta, 1998, p.11.





agenciamento, um agenciamento de enunciação"¹⁶, um agenciamento de enunciação traidor¹⁷ dos signos e sentidos postulados pela linguagem.

O corpo de Jardelina da Silva faz vibrar o modo como Deleuze nos convoca a pensar um certo "estilo-sem-estilo"¹⁸, desafiando significações e apontando para mundos em constante por vir. O estilo-sem-estilo, no entanto, não deve ser compreendido pelo exercício de negação, mas sim pela multiplicidade implícita em seus movimentos de traição, em sua deriva fluxonária capaz de instaurar territórios. O estilo que gagueja não trata de dizer de outra forma, sequer de uma forma única, mas de pegar vôo nos devires, dispor-se à variabilidade, considerar os movimentos diferenciais como afirmativos de um processo potencial e constantemente desencadeador de novas possibilidades de criação de sentidos e sintaxes.

Ao descrever seu encontro com o pensamento do filósofo Friedrich Nietzsche, Deleuze ilumina aquilo que está chamando de "gaguejar na própria língua":

[...] Nietzsche é aquele que não tenta fazer recodificação. [...] No nível daquilo que escreve e do que pensa, Nietzsche persegue uma tentativa de descodificação, não no sentido de uma descodificação relativa que consistiria em decifrar os códigos antigos, presentes ou futuros, mas de uma descodificação absoluta - fazer passar algo que não seja codificável, embaralhar todos os códigos. [...] É isso o estilo como política. De um modo mais geral, em que consiste o esforço de um tal pensamento, que pretende fazer passar seus fluxos por debaixo das leis, recusando-as, por debaixo das relações contratuais, desmentindo-as, por debaixo das instituições, parodiando-as?¹⁹

16Idem.

17Deleuze remete a linha de fuga à traição, sem deixar de chamar atenção para a diferença entre trapacear e trair: aquele que trapaceia, no fundo, quer assumir um lugar posto, ainda que oposto ao lugar dado. Ainda que instale uma nova ordem, diversa da configuração original, o trapaceiro quer ocupar um espaço permeadopela mesma fixidez e rigidez de traçado. O traidor não: ele quer experimentar um lugar outro. Deseja um lugar ainda não inventado, lugar algum, lugar entre, lugarque faz fugir. Ibidem, p. 55.

18DELEUZE, Gilles. Crítica e clínica. Trad: Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34,1997, p.128.

19 DELEUZE, 2006, p. 321.





Deleuze também discorre sobre o verbete na letra S - *style* - do Abecedário.²⁰ Diante da interlocutora que aventa uma possibilidade de relação entre estilo e elegância, ele ressalta o equívoco de certa compreensão da elegância relacionada à emissão de "signos codificados". Afirmar que essa qualidade provém do próprio viver, da não-elegância e da vulgaridade: "a mundanidade como um meio fértil de signos vazios, absolutamente vazios, sem interesse algum". O vazio ao qual Deleuze se refere é o lugar aberto para que os sentidos sejam construídos por um jogo entre universos corporais e incorporais, cujo resultado supõe um certo desatrelamento do mercado e compõe um tipo de beleza contaminada. Esta é a elegância do estilo-Jardelina da Silva, uma elegância "corada de intensa humanidade"²¹, que em nenhum momento desconsidera a vida e suas intensidades, uma elegância cheia de charme, o charme da presença vibrátil do corpo.

O charme, esse outro atributo que costuma adjetivar a aparência dispara ainda mais o estilo-Jardelina, a partir do olhar de Deleuze: "o verdadeiro charme das pessoas é aquele ponto em que elas perdem as estribeiras, é quando elas não sabem muito bem em que ponto estão [...] o ponto de demência de alguém é a fonte de seu charme."¹¹ Esse encanto inominável, impreciso, que se mistura com a beleza mas não depende dela, que não abre mão dos movimentos para se fazer presente, que exercita a condição do fascínio está, por Deleuze, atrelado às forças intensivas, aos fluxos descontrolados da vida: uma abertura aos devires, uma disposição para habitar um ponto "entre", uma escorregadinha num fluxo esquivo. É uma atmosfera que surge em torno da singularidade e atrai, justamente, por permanecer como atmosfera e por lhe faltar um nome. Ele segue, com seu charme:

[...] É o que faz apreender as pessoas como combinações e chances únicas que determinada combinação tenha sido feita. É um lance de dados necessariamente vencedor, pois afirma suficientemente o acaso, ao invés de recortar, de tornar provável, de mutilar o acaso. Por isso, através de cada

20 Verbetes: style. Disponível

em:<www.oestrangeiro.net/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=67>. Acesso em: 30 ago. 2007.

21 Fragmento do ensaio *E o que é ter Estilo?* Escrito a partir de "um desejo danado de bagunçar o coreto do que se entende por *estilo*." PRECIOSA, Rosane. Produção estética: notas sobre roupas, sujeitos e modos de vida. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 1005, p. 90-91.





combinação frágil é uma potência de vida que se afirma, com uma força, uma obstinação, uma perseverança impar no ser.

Rolnik complementa nosso charme, apontando-o como abertura para o movimento dos afetos "proporcional ao capricho com a vida em sua infinita vibração."²² Para Jardelina, este atributo é sintetizado pelo adjetivo "alvorçado", termo frequentemente usado por ela para descrever cores, tecidos, cortes e vestimentas que escolhe e afirma preferir. Em torno do alvoroço, orbitam qualidades assim como a agitação, a alegria, a inquietação, a veemência, o entusiasmo e a confusão desmedida.

Essa contaminação de vida convocada para pensar estilo e charme nos remete a um dos escritos de Charles Bukowsky²³, que, poeticamente, nos conduz por uma perspectiva que dialoga com Deleuze e ressoa em Jardelina:

Style is the answer to everything. Fresh
way to approach a dull or dangerous day.
To do a dull thing with style is preferable to
doing a dangerous thing without style. To
do a dangerous thing with style, is what I
call art.

Bullfighting can be an art.
Boxing can be an art. Loving can
be an art. Opening a can of
sardines can be an art.

Not many have style. Not many can keep style. I
have seen dogs with more style than men.
Although not many dogs have style. Cats have it
with abundance. When Hemingway put his brains
to the wall with a shotgun,
that was style. For sometimes
people give you style.

Joan of Arc had
style. John the
Baptist.

Jesus. Socrates. Caesar. García Lorca. I have met men in jail
with style. I have met more men in jail with style than men

²² ROLNIK, 1989, p. 144.

²³ Poeta, contista e romancista americano (1920 - 1994).





out of jail. Style is a difference, a way of
doing, a way of being done
Six herons standing quietly in a pool of
water, or you, walking out of the bathroom
without seeing me.²⁴

O estilo de qualquer um, o estilo de animais, o estilo de presidiários, a preferência pelo perigo ou uma caminhada desatenta ao olhar do outro são imagens que abrem um diálogo entre Bollon e Nietzsche: ambos encaram o estilo como um "espaço sensível"²⁵, dimensão que comporta paradoxos, ambigüidades, contra-sensos, disparates, absurdos, selvagerias de toda ordem, se vistas pela ótica de uma moral codificadora de hábitos, costumes e roupas. Nessa perspectiva, assim como naquela exercitada por Silva, o estilo está sempre em devir e se configura como uma instância aberta ao acaso e às mais diversas conexões. Implicado nas relações entre corpo vibrátil e fluxos vestimentares assim como Jardelina o faz, o estilo ganha uma tonalidade viva, repleta de possibilidades de deslocamento e criação de sentidos produzidos a partir de agitações avessas às codificações, sem o pressuposto de uma interioridade expressiva e sem definição prévia. Jardelina relata: "quando eu ia pra a roça o povo pensava que eu ia pra a festa. E eu ia, dourada." Sua brilhante imagem dialoga com Bollon, que questiona a categorização de alguns movimentos de estilo:

[...] Eles brincam com os significados. Nunca se definem do interior. [...] Eles ficam no 'nem. nem.' Um eterno sobrelance é a sua estratégia. Seu espírito parece ser feito apenas de contradições. A ironia é sua arma privilegiada. De que modo então conseguir dar nome ao que constantemente brinca de esconde-esconde como o sentido e confunde todas as pistas do significado?²⁶

24BUKOWSKY, Charles. *Style*. Disponível em:

<<http://kazakov.livejournal.com/114088.html?thread=851111>>. Acesso em: 17 jul. 1007.

25BOLLON, Patrice. *A Moral da Máscara: Marveilleux, Zazous, Dândis, Punks, etc.* Trad. Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco 1993, p.145.

26Ibidem, p. 110.





O estilo-Jardelina nos guia a uma compreensão ética que retira o estilo do âmbito de julgamentos assim como belo, feio, bom, mau, verdadeiro, falso, adequado, inapropriado, entre outras oposições às quais estamos submetidos e das quais somos produtores: "a moral se apresenta como um conjunto de regras coercitivas de um tipo especial, que consiste em julgar ações e intenções referindo-as a valores transcendententes; a ética é um conjunto de regras facultativas que avaliam o que fazemos, o que dizemos, em função do modo de existência que isso implica."²⁷

Jardelina vibra o estilo como "um modo de expressão infinitamente mais sensível e sutil, maleável porque permanentemente contraditório e para sempre inacabado, por isso poético e profético"²⁸. Ela nos conduz por um modo de relação com a aparência, cujo grau de conexão com as forças vibráteis é liderado pela dimensão intensiva. Velha, feia, safada, sem vergonha, palhaçada toda, rio de leite, lama negra, caranguejo, planeta, samambaia, eu mesma, Hebe, o mundo, diabo, justiça, dinheiro, aranha, Argentina, letra S, baralho 21, mandioca, enxada, derradeira pedra²⁹, o estilo-Jardelina é transbordamento, planeta fora das órbitas dos estilos propostos pelo mercado: "acho que Jesus vai até virar as costas". Suas roupas-território de existência seus vestíveis insensatos, sua aparência não adestrada, sua moda esquizo, seu estilo-máquina de guerra disparam os zigzagues pela máquina moda, esta que delimita a comercialização e a liquidação do estilo. Jardelina, sai pela transversal e afirma: "se eu não posso assinar dos outros, deixa eu repartir o mundo."

27 DELEUZE, 1992, p. 125-126.

28 BOLLON, 1993, p.164.

29 Termos usados por Jardelina da Silva para descrever a si própria.



**Referências bibliográficas**

- BARROS, Manoel de. *O livro das ignorâncias*. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- BOLLON, Patrice. *A Moral da Máscara: Marveilleux, Zazous, Dândis, Punks, etc.* Trad. Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco 1993.
- BOUTANG, Pierre-André (Dir.). *O Abecedário de Gilles Deleuze* Produção: Éditions Montparnasse. Paris, 1988-1989. Transcrição disponível em:
<www.oestrangeiro.net/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=67>.
Acesso em: 18 ago. 2005.
- BUKOWSKY, Charles. *Style*. Disponível em:
<<http://kazakov.livejournal.com/114088.html?thread=851112>>. Acesso em: 27 jul. 2007.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações: 1972-1990*. Trad. Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
. *Crítica e clínica*. Trad: Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1997
_____. *A ilha deserta: textos e entrevistas (1953-1974)*. Org: Luiz B. L. Orlandi.
São Paulo: Editora Iluminuras, 2006.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Trad: Georges Lamazière. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976.
_____. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. vol 4*. Trad. Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 1997.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Editora Escuta, 1998.
- MARTINEZ, in Queiroz, Sônia (Org) *Revista Viva Voz. Estilo*. FALE/UFMG, Belo Horizonte, 1001. Disponível em:
<<http://www.letras.ufmg.br/site/publicacoes/download/estilos.pdf>> Acesso em: 17 out. 1007.
- MESQUITA, Cristiane. *Políticas do vestir: recortes em viés*. Orientação: Prof. Dra. Suely Rolnik. PUC/SP, 1008. Disponível em





http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=8151.

PRECIOSA, Rosane. *Produção estética: notas sobre roupas, sujeitos e modos de vida*. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 1005.

ROLNIK, Suely. *Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

SANTIAGO Sobrinho, João Batista. *Questão d'estilo*, in Queiroz, Sônia (Org) *Revista Viva Voz. Estilo*. FALE/UFMG, Belo Horizonte, 1001. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/site/publicacoes/download/estilos.pdf>>. Acesso em: 17 out. 1007.

Texto recebido em 04 de março de 2009

Text received on March 04, 2009

Texto publicado em 01 de maio de 2009

Text published on May 01, 2009

